

*Eu mudei de pincel e de paleta — embora seja a mesma a tinta com que escrevo — mas mudei, que,
de repente, surgiste diante de mim.*

Álvaro Feijó, Varina

*Surgiste o mesmo diante de mim.
Espalhaste no ar, sem pincel nem paleta,
As tuas cores, em enormes bolhas
Que desenhavam a repetida história
Que eu já conhecia.*

*Entristece-me ver-te assim,
De olhar parado sobre a paisagem
Que ao longe se desfaz — é bela — dizem.
O belo das coisas está para lá do seu significado.
Quem não viaja para atingir o belo,
Contenta-se com a breve doçura de saber tudo de nada.
Quem sabe nada é feliz, desconhece a sua infelicidade.*

*Ao ver-te assim, a dormir sobre o tempo
Gosto de falar no teu vazio: faz-se eco.
É como se de vazio já não se tratasse.
Há ali algo que reflecte
O que a palavra reflecte
Vem até mim a palavra incompleta
Desgastou-se o campo semântico.
Mas devo pronunciá-la,
Porque se há eco no vazio
Há a possibilidade de eu
Fazer uso da incompleta palavra
Completando-a à minha maneira.*

*Quando te olho novamente
Os teus olhos são luz e sombra e tudo.
É aí que eu condeno a palavra.
Ah! Pudesse eu amar assim!
Nos olhos é tudo tão verdade!
Podiam tirar-me o som da palavra
Que os nossos olhos não deixariam de cantar
Doces melodias de amor.*

Margarida Pimentel
Ana Lúcia, 12ºH